

## CLUBE DA LUTA: TRANSGRESSÃO, CAOS E DEVIR<sup>1</sup>

*Francis Mary Rosa<sup>2</sup>*

Clube da luta é um filme de 1999 dirigido pelo diretor David Fincher, que embora seja hoje visto como um clássico cult, não foi bem recebido pelo público na época de seu lançamento. Contando no elenco com nomes como Brad Pitt, Edward Norton e Helena Bonham Carter o filme foi percebido pelo grande público como uma apologia surreal a violência e um ataque ao estilo de vida americano.

David Fincher é atualmente considerado um dos grandes diretores de sua geração. Sua obra representa para os anos 90 e a primeira década deste século o que as obras de Coppola e Scorsese representam para os anos 70. Certamente este



lugar que Fincher ocupa advém (entre outros fatores) do fato de que o diretor tem “controle artístico” sobre sua obra. Numa época em que, mais do que nunca, produtores, gerentes de marketing e investidores têm não só a palavra final sobre o “produto” cinematográfico americano, mas também sobre a sua concepção e desenvolvimento, Fincher parece ser capaz de

ter o controle artístico de seus filmes (“filmes”, e não “produtos”...). Atualmente o número de diretores que têm esse controle ao mesmo tempo em que têm acesso a grandes orçamentos e grandes estrelas em seus filmes é muito reduzido.

No caso de Fincher, podemos observar um enorme “preciosismo” em sua arte... Temos a impressão de que cada quadro, cada cor, cada objeto, cada fala tem por trás de sua concepção um grande esforço de composição... Nada é feito ao acaso, o diretor não concebe cenas apenas para ligar uma parte da história à outra... Tudo tem, por trás, um sentido maior do que observamos inicialmente. Clube da Luta não foge à regra.

---

<sup>1</sup> Recebido em 22/06/2017

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana. francismrosa@hotmail.com  
Revista Livre de Cinema, v. 4, n. Especial, p. 118-121, jul, 2017  
ISSN: 2357-8807

O filme narra a história da vida diária e mental atribulada do personagem Jack (Edward Norton – perfeito em cena). Jack não é feliz no emprego e não consegue dormir, aos poucos vamos percebendo que a suposta insônia de Jack é na verdade a janela produtiva de seu alterego (ou o contrário também é possível pensar) Tyler (Brad Pitt – magnífico). Entre idas e vindas, mergulhado em sua insônia, Jack descobre algo poderoso e capaz de lhe trazer de volta o sono: grupos noturnos de autoajuda para pessoas com problemas como câncer, HIV, e outras doenças terminais. Os grupos e o contato com pessoas assoladas pela dor parecem surtir efeito anestésico na própria dor e descontrole emocional de Jack.

A grande virada do filme ocorre quando Jack conhece Tyler. A personagem de Tyler é decisiva pois estabelece uma ponte fundamental com o conceito de devir menor de Jack. Nas palavras do próprio Jack, ele representa tudo que o narrador Jack gostaria de ser e de agir. Tyler não é só a versão melhorada e com mais autoestima de Jack. Ele representa a própria violência destrutiva e aparentemente sem sentido que é observada na fundação dos clubes de luta clandestinos que funcionam como células por todo país. Precisamos ir até o pensamento deleuze-guattariano para entender o que significa este estado permanente de violência que se desdobra na autoimagem violenta de Jack e até mesmo a arquitetura do “projeto caos”.<sup>3</sup>

Pensar o devir em Deleuze e Guattari é pensar o atravessamento do fluxo do sujeito que anuncia seu lócus e espaço de enunciação. Para Gilles Deleuze (1998, p.10), devir é nunca imitar, “[...] nem fazer como, nem se ajustar a um modelo seja ele de justiça ou de verdade”. Estar em devir, se posicionar como nômade, e em nosso caso a personagem Tyler literalmente é um nômade como também se posiciona contrariamente aos valores e padrões estabelecidos. A composição da personagem demonstra a arquitetura de Fincher em estabelecer os limites do caos e a violência surge como algo novo, a retirar o personagem de Jack de sua zona familiar e impor-lhe uma violência criadora. Foi preciso que Jack se tornasse Tyler. Devir-outro, devir-menor para construir qualquer outra possibilidade de existência.

---

<sup>3</sup> Aos poucos os clubes clandestinos de luta são transformados em um projeto maior, de codinome “Caos” que visa destruir os pilares da sociedade capitalista e o consumismo.

Para Deleuze e Guattari (1995), a menoridade de algo é reflexível na sua apresentação como diferença e pluralidade frente ao que se estabelece como padrão e norma, propondo uma dobra na natureza do que é fixado e que se apresenta como identidade. Nesse sentido, Tyler é o devir-menor de Jack. Para Deleuze (2000), somente por meio da violência do encontro com uma diferença exterior, a uma dada unidade de identidade, é capaz de promover o pensar.

Neste sentido, a personagem de Tyler (devir-menor de Jack), um ideal de masculinidade surreal para o próprio Jack, é o negativo que coloca em cheque não só uma imagem de felicidade fundada no consumismo e na busca por perfeição, mas que violenta os sentidos e enfatiza as sombras produzidas pelos conceitos. Em um dos trechos mais famosos do filme, Jack/Tyler discursam para uma geração de homens conformados e anestesiados em suas vidas:

Eu vejo no Clube da Luta os homens mais fortes e inteligentes que já viveram, eu vejo todo esse potencial desperdiçado, que droga uma geração inteira enchendo tanques de gasolina, servindo mesas ou escravos do colarinho branco. Os anúncios nos fazem comprar carros e roupas; empregos que odiamos para comprarmos porcarias que não precisamos, somos os filhos do meio da história gente, sem proposito, sem lugar, nós não temos grandes guerras, nem grandes depressões, nossa grande guerra: é a guerra espiritual, nossa grande depressão é: nossas vidas. Todos nós fomos criados vendo televisão pra acreditar que um dia todos seriam milionários, deuses do cinema e estrelas do rock, mas nós não somos, devagar vamos aprendendo isso, e nós estamos muito revoltados. (CLUBE DA LUTA, 1999).

O discurso de Tyler/Jack conclama não somente a crítica a um modelo de sociedade, mas também aposta na saída pela violência. O recurso a violência pode ser interpretado a luz da proposta deleuze-guattariana como uma estratégia poderosa e desaglutinadora da própria existência. É zona de violência, estado em que todos os limites e padrões são forçados, em que se desenvolve um estado profícuo de ruptura é possível engajar um devir e proliferar uma cultura heterotópica. Michel Foucault (2013) considera que os espaços sacralizados, fixos e normativos são como positivities que são contrapostas aos espaços em rede, pluridimensionais, cambiáveis e permeadas por series e multiplicidades. Esses outros espaços, mediante o autor supracitado, são efetivamente a contestação de tais disposições normatizadas e, ao contrário destas, são relacionais e heterogêneos.

Somente deixando de ser quem é, rompendo de forma violenta com o próprio status de sua vida, perdendo a casa, os objetos, o emprego, a “consideração” dos que estavam ao seu entorno no seu mundo etiquetado e bem organizado que Jack poderia ser outro(s). No começo tornou-se Tyler, mas no final do filme, há um outro devir de Jack em processo e construção.

Assim, cabe imaginar um outro mundo de (im)possibilidades onde a questão central seja rejeitar uma individualidade sucumbida às forças de relação com o poder e investir em forças de resistência que subvertem tal ordem, que explodem em novas cartografias e devires.

## REFERÊNCIAS

- CLUBE DA LUTA.** Direção de David Fincher. Estados Unidos: Fox, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs-vol. 2.** Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado Lisboa. Lisboa: Relógio d`Água. 2000.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** Tradução Salma Tannus, Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.